

A caligrafia da Índia

Orlando Hardt Junior,¹ São José dos Campos

Resumo: Este artigo aproxima W. R. Bion (1897–1979) de quatro romancistas anglófonos contemporâneos: Rudyard Kipling (1865-1936), E. M. Forster (1879-1970), George Orwell (1903-1950) e Lawrence Durrell (1912-1990). O autor apresenta a existência de uma corrente literária que mergulhou no cotidiano hindu, buscando compreender o que era normal, sagrado, perigoso ou estranho. Esses autores se propuseram a apresentar o continente indiano ao Ocidente. A literatura anglófona sobre a Índia é aqui considerada uma forma de organização das experiências sensoriais e afetivas, um espaço de produção de sentido – segundo a perspectiva da História das Mentalidades, corrente historiográfica surgida na França entre as décadas de 1930 e 1970, que propõe uma abordagem interdisciplinar voltada para as estruturas sociais e culturais. Este artigo considera essa literatura, resultante do encontro entre culturas orientais e ocidentais, como uma cesura que atua como fio condutor e permite a elaboração de conjecturas sobre como um certo tipo de narrativa sobre a Índia descrevia modos de pensar, sentir, acreditar e perceber o mundo naquele período.

Palavras-chave: Bion, História das Mentalidades, literatura, Índia

Introdução

Neste texto, recomendo uma leitura de *Memórias do Futuro*, de Wilfred R. Bion, com base na História das Mentalidades² – entendida

- 1 Analista didata, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).
- 2 História das Mentalidades faz parte da História, o vértice que busca compreender como os grupos sociais pensavam, sentiam e perceberam o mundo ao seu redor em diferentes épocas históricas. Ao contrário da história tradicional foca as experiências das pessoas em seus aspectos culturais e simbólicos, surgiu na França no século 20 na Escola dos Annales. Foi fundada por historiadores que abordaram aspectos subjetivos e culturais do homem, aspectos que moldavam o modo de pensar de um grupo. Foi um rompimento com a historiografia tradicional. Era composta por Lucien Febvre, Georges Duby, Jacques Le Goff e

aqui como o campo que investiga os modos coletivos de sentir, pensar e imaginar em determinadas épocas e culturas, examinando valores, crenças, medos e diferentes formas de imaginar o mundo. Partindo do pressuposto de que há certas invariantes que atravessam as obras analisadas, tomando Bion não apenas como psicanalista, mas também como escritor, proponho uma reflexão sobre a literatura que ele nos legou. Contudo, o texto não deve ser lido como uma crítica literária, tampouco como um pretexto para discutir exclusivamente temas ligados a Bion. Trata-se, antes, de uma tentativa de mostrar como ele, em sua época, construiu sentidos para a vida, para si mesmo e para o mundo. É um ensaio para conectar as ideias profundas desse psicanalista às transformações culturais e sociais de seu tempo.

Francesca Bion, no prefácio de *Cogitações* (Bion, 1992/2000, p. 7), relata que, quando estava na Califórnia, seu marido tentou disciplinar, esclarecer e avaliar suas ideias escrevendo-as à mão. Curiosamente, ao longo desse processo, ele modificava sua caligrafia de tempos em tempos, assim como seu estilo de escrita, com o objetivo de aprimorar a qualidade de sua comunicação e a precisão da linguagem.

À primeira vista, ao ler Bion, pode-se pensar que a forma, em sua criação literária, não é o aspecto mais importante. Como mencionou William Faulkner, “o artista não tem importância, só é importante o que ele cria” (citado por Cowley, 1956/1968). Assim, acredito que o compromisso de Bion era com a verdade em si mesmo, mais do que com a literatura ou o estilo. Talvez fosse assim porque, ao que tudo indica, ele precisava libertar suas teorias, seus sonhos – talvez até alcançar um pouco de paz. Daí a implacabilidade que se percebe em seus escritos. Ao lê-lo, temos a impressão de que infância, honra, orgulho, patriotismo, segurança, felicidade – tudo em sua trajetória – seria motivo para ser perscrutado.

O critério que relaciona os livros de Bion, Kipling, Forster, Durrell e Orwell são as invariantes percebidas em suas obras. Um dos elementos

outros como Fernand Braudel. Ela propõe uma interdisciplinaridade propondo padrões estáveis de pensamento levando em conta narrativas compartilhadas que ampliam o escopo histórico renovando a História ao colocar um olhar sobre as bases culturais e psicológicas das sociedades.

centrais é, justamente, a produção de literatura em língua inglesa sobre a Índia e o Oriente Médio, com abordagens e descrições de cenários que se mantêm análogas, apesar das transformações históricas e culturais – como se pode observar, por exemplo, nas obras de Forster e Durrell.

Outro ponto relevante é o fato de que, entre esses cinco autores, três nasceram na Índia e dois viveram no continente indiano. Todos foram contemporâneos e escreveram livros com características inéditas e marcantes para o século 20. Esses aspectos do objeto, que permanecem inalterados, criaram uma identificação que permite pensar que esses relatos dizem respeito por tomar a Índia como mente primordial.

Essa hipótese fundamenta a continuidade das conjecturas que se seguem, alinhadas à ideia de que a vida “é um fardo pesado que a besta dos sentidos não consegue carregar”, como se lê em *Uma memória do futuro* (1989). Trata-se de uma percepção que se repete em diversos pontos da escrita de Bion, contribuindo para que seus textos, por vezes, sejam considerados incompreensíveis ou reduzidos a jargões sem significado. No entanto, o efeito provocado no leitor é outro: o medo de estar confuso por experimentar dois sentimentos opostos diante de um mesmo fato revelado pelo autor.

Essas características são particularmente evidentes na obra dos escritores citados – e alguns leitores poderiam até afirmar que um mesmo demônio residia nos tinteiros em que eles molhavam a pena para escrever.

Bion ↔ Rudyard Kipling

Rudyard Kipling nasceu em Mumbai (então chamada Bombaim). Autor e poeta, escreveu clássicos da literatura infantil e publicou *Kim* (1901), obra em que descreve o misticismo que tornava a Índia, ao mesmo tempo, um continente espiritual e um palco de espionagem. Sua construção narrativa exhibe uma formação do ego e sua adaptação à realidade, que pode ser comparado – em paralelo à ideia bioniana de continente↔contido, às transformações e ao desenvolvimento do pensar. Kipling associou o racionalismo britânico à espiritualidade

oriental. Bion, por sua vez, articulou ciência e matemática em sua teoria do pensamento, sem jamais dissociá-las da experiência emocional.

Kim é a história de um órfão, filho de pai irlandês e mãe indiana, que vivia em Lahore. Desde cedo, aprendeu a conviver com a complexidade social da Índia colonial, até ser cooptado pelo processo de britanização, quando perceberam seu talento para a espionagem – decorrente, em grande parte, de sua condição de invisibilidade social. O menino desenvolve uma amizade com um lama tibetano, com quem busca um caminho espiritual. A figura do lama é apresentada como um continente: alguém capaz de acolher ansiedades e fornecer uma estrutura para suportar saberes. Também em Bion encontramos a função continente↔contido, na qual elementos beta são transformados em aprendizado. Parte da obra de Bion, ao abordar a infância vivida na Índia, sugere que, assim como Kim, ele também esteve imerso em intensas percepções sensoriais – e que foi justamente nesse ambiente que aprendeu a converter dados sensoriais e emocionais em pensamento.

A ideia de “O”, formulada por Bion como equivalente psicanalítico do númeno kantiano, encontra um correlato na busca empreendida pelo lama em *Kim* – uma busca que talvez seja a mesma à qual a própria psicanálise deva almejar?

Em *Uma memória do futuro*, diversos papéis se alternam ao longo da narrativa. De modo semelhante, em *Kim*, o protagonista transita entre as posições de mendigo, pupilo de monge e espião, em constante mobilidade racial e cultural. Esses deslocamentos provocam no leitor uma sensação de desorganização do self, exigindo reconfigurações psíquicas permanentes. Em ambos os autores, há convergências notáveis: *Kim* não é apenas um romance de aventura, mas também um estudo sobre processos psíquicos estruturantes – exatamente o mesmo terreno teórico que Bion descreveria em sua obra.

Bion ↔ Forster

Recorrendo a apenas uma obra de cada um dos autores contemporâneos de Bion mencionados neste ensaio, é possível identificar

traços que ecoam aspectos presentes tanto na escrita quanto no pensamento do próprio Bion – e que, por isso, mostram-se relevantes ao escopo deste estudo.

Sabemos, por exemplo, que Bion foi leitor de Edward Morgan Forster, nascido em 1879, formado pelo King's College, em Cambridge, e integrante do famoso *Bloomsbury Group*.³ Forster viajou à Índia em 1910 e, durante a Primeira Guerra Mundial, serviu como soldado no Egito. Em 1924, publicou *Passagem para a Índia*, obra marcada por tensões culturais, ambivalências afetivas e experiências de alteridade que dialogam, em muitos aspectos, com temas recorrentes na escrita de Bion.

Há constantes que aproximam Forster e Bion, especialmente uma característica fundamental: ambos se interrogam diante dos problemas que enfrentaram e se questionam sobre as razões pelas quais não conseguiram resolvê-los. Em *Passagem para a Índia*, Forster retrata, por meio da ficção, o contato entre duas culturas – uma Índia multiétnica e um império britânico que se mostra incapaz de lidar com essa diversidade. Esse mesmo esforço de descrever a Índia como espaço de alteridade é também notável em Bion, ao oferecer uma semelhante construção ficcional da mente para seu leitor.

O choque cultural, no romance de Forster, aparece como algo incompreensível para o leitor – como seria para uma criança, oriunda de outra cultura, deparar-se com hábitos e valores que lhe são estranhos. Essa mesma tônica atravessa capítulos da obra de Bion, pelo incomum das pessoas, lugares e costumes que ele expõe. As relações entre britânicos e indianos, como a de Aziz e Miss Adela em *Passagem para a Índia*, encontram paralelo na forma como Bion retrata as interações.

Inicialmente, Forster e Bion nos levam a refletir sobre um novo tipo de romance, aquele que apresenta o Oriente ao leitor ocidental. Foram mais do que escritores relatando experiências no continente

3 Grupo de intelectuais britânicos que existiu entre 1905 e 1945, composto por Virginia Woolf, John Maynard Keynes, Lytton Strachey, E. M. Forster e outros; suas obras influenciaram a literatura, estética, criticismo e economia, além de propor posturas avançadas em relação ao feminismo, sexualidade e pacifismo.

indiano: atuaram como inventores de uma literatura antípoda àquela produzida por seus contemporâneos. A imparcialidade com que ambos constroem seus textos abre espaço para uma pluralidade de pontos de vista, compondo um painel diversificado para seus leitores.

Pode-se dizer que reformaram a estética narrativa ao elaborar e expor ideias que possibilitam compreender a realidade por ângulos até então inexplorados, formulando paradoxos – como o da natureza servil da arte. Os autores também evitam definir o futuro de seus personagens, recusando o modelo narrativo tradicional.

Por isso, suas obras podem parecer fragmentárias, especialmente para leitores acostumados a romances em que o enredo conduz o leitor por uma sequência lógica e linear, fixando o grau de importância de cada fato relatado. Bion altera os acontecimentos e os personagens na evolução do texto, tornando sua escrita algo “desamarrada”.

A trilogia de Bion, *Memórias do Futuro* (1989, 1996a, 1996b), apresenta-se ao leitor como uma massa consolidada, diante da qual a leitura se assemelha ao esforço de alargar um túnel para poder prosseguir. Ainda assim, muitos leitores conseguem percorrê-la com proveito e imersos em profundas reflexões. Em *Passagem para a Índia* (Forster, 1924/2013), algo decisivo acontece no interior das cavernas de Marabar, embora não exatamente o que aconteceu – e tampouco se sabe onde isso levará o leitor. Essa mesma sensação acompanha a leitura de Bion. No primeiro volume da trilogia (*O sonho*, 1989), não sabemos o que acontecerá com Rosemary, Roland e os demais personagens, mas é possível perceber que Bion se propõe a considerar, de forma prática, aquilo que um filósofo trataria de modo teórico.

A trilogia bioniana é construída – ou vazada – em antíteses. A atmosfera do texto tem densidades variáveis, tal como o episódio das cavernas em Forster, que representa uma cavidade, um recôndito. Tanto em Bion quanto em Forster, há uma concentração em torno de uma “câmara do pensamento virginal”, conforme descrita por Keats: “local de uma embriaguez prazerosa, que será obscurecida pela consciência da miséria e doença, aguçadoras da visão, até a mente atingir um estado de bruma e mistério” (citado por Williams, 2019, p. 34).

Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, publicado em 1865, é célebre por seu nonsense e classificado como literatura infantil. Nada impede de supor que alguém tenha contado a Bion as aventuras da menina Alice, que, ao cair numa toca de coelho, é transportada para um mundo fantástico, povoado por criaturas regidas por uma lógica onírica e não formal. Com forte conteúdo satírico, paródias, poemas, jogos linguísticos e referências matemáticas, trata-se de uma obra que prende o leitor e descreve, à sua maneira, uma epopeia – tal como *A Ilíada* e *A Odisseia*.

Em determinado momento de *Passagem para a Índia*, o verniz psíquico inglês se desfaz no interior de uma caverna, e uma mudança catastrófica acomete a personagem Adela, que afirma ter sido violentada. Seria essa violência a revelação de algo que emerge após a remoção desse verniz civilizatório?

Nos escritos de Bion e Forster, sempre há algo que se projeta para além do visível, algo que engendra pensamentos sem jamais se deter em cores, formas ou cenários. Em Bion, de modo particular, há dilemas, contradições e poucas conciliações. Não se observa uma planificação nessa trilogia. Algo semelhante ocorre em Forster.

Mesmo o leitor menos familiarizado com a cultura hindustani percebe um traço esotérico tanto nas linhas de Bion quanto em *Passagem para a Índia*. A longa digressão bioniana – como o episódio da caçada ao tigre pelo pai – cumpre função análoga à do festival hindu descrito por Forster: a Índia representa, para ambos, a camada mais profunda do psiquismo, a mais primitiva.

Um aspecto observado na leitura de Bion pode ser elucidado por Forster ao abordar uma problemática crítica que incomoda diversos autores: os personagens e os leitores não podem fugir das dificuldades. Em Bion, ninguém foge. Todos enfrentam trincheiras e bombardeios, amarguras matrimoniais e suportam permanecer diante de inúmeras questões sem resposta. Dessa forma, há mais um ponto de convergência entre os dois autores: o reconhecimento de que “o heroísmo da tarefa não está na ação, mas na não ação” (Williams, 2019, p. 50).

Tanto Bion quanto Forster não seguem linhas narrativas tradicionais. Suas personagens parecem evitar a dualidade de consciência tão comum em romances, sintetizada por duas atitudes: “isso é terrível, recuso-me a aceitá-lo” ou “isso é terrível, só podemos chorar e suportá-lo”. Diante dessa dicotomia, esses autores deixam claro um outro caminho: “se isso é terrível, vou fazer alguma coisa a respeito”.

Talvez ambos utilizem a mesma técnica, ao se preocuparem com um particular relacionamento com o leitor: deixá-lo inúmeras vezes distante da compreensão de motivações e acontecimentos, fazendo-o tatear. Esses autores preconizam que o tempo é mais importante que o espaço, e aquilo que inspira a ficção é sempre mais do que um simples fato. Não propõem uma verdade universal, pois, ao que parece, ela nunca existe. Podemos ressaltar que, para eles, a verdade implica uma contradição verdadeira.

Teriam Bion e Forster escrito por deleite? Ao lermos a autobiografia bioniana, não pressentimos nela a decantada angústia de criação referida por tantos autores. Ademais, sentimos nas duas obras relacionadas a influência da literatura para promover outra observação. Acredito que a congruência entre eles favorece ao leitor a percepção da própria emotividade expressa em seus livros, o que atribui valor, não ao objeto perdido no passado, mas ao seu desenvolvimento presente.

Assim como Bion, Forster não hierarquiza evento e tampouco moraliza enredo, permite uma fragmentação narrativa que fará ao leitor uma reconfiguração a cada retomada de perspectiva.

Bion ↔ Durrell

Uma outra aproximação literária pode ser traçada entre Bion e Lawrence George Durrell, escritor britânico nascido na Índia em 27 de fevereiro de 1912, onde viveu e estudou até os 10 anos de idade, antes de se mudar para Canterbury. Durrell é autor da tetralogia *O quarteto de Alexandria* (1957–1960/1976), uma exploração da relatividade de noções na relação sujeito-objeto, que tem como tema central o amor. O romance se desenrola primordialmente em Alexandria, no Oriente

Médio, durante o período da Segunda Guerra Mundial, em um cenário de beleza, mistério e miséria – elementos que remetem à Índia descrita por Forster.

Em uma entrevista concedida a Julian Mitchell e Gene Andrews (Cowley, 1968), em Paris, Durrell cita como fontes de inspiração as rupturas advindas de sua leitura de Freud, Einstein e da teoria da relatividade. Os quatro volumes da tetralogia – *Justine*, *Balthazar*, *Mountolive* e *Clea* – apresentam enredos narrados sob o ponto de vista de cada um desses personagens. Também em Durrell se percebe certo esoterismo, como em Bion e Forster, evidenciado por numerosas influências da filosofia budista, com a qual o autor teve contato. Segundo ele, a tetralogia é uma investigação sobre o comportamento humano – ponto de tangência com a “visão binocular” proposta por Bion, que também recorre a múltiplos focos narrativos.

O tema é o mesmo em todos os volumes, compondo uma visão múltipla – ou binocular – de uma mesma realidade, o que resulta em um jogo perigoso que culmina no caos. Durrell, exímio narrador, retrata paixões violentas que, se descritas por Bion, estariam inseridas na categoria de consciência moral primitiva.

Um traço comum entre os dois autores é que, em determinados momentos, a organização caótica do texto dispersa a atenção do leitor; as figuras de linguagem e descrições são insuficientes para cativá-lo. No entanto, há uma proposta clara: ambos dividem com o leitor as suas impressões – um *continuum* de palavras, como aponta Cowley (1968).

Uma memória do futuro (Bion, 1975/1989) inicia-se como um romance simples, descrevendo um casal de aristocratas ingleses em uma varanda, surpreendidos por um exército invasor no Reino Unido. Em seguida, porém, o cenário muda abruptamente: os empregados subjugam os patrões, e a ação torna-se tão turbulenta quanto os relatos sobre a Invasão Normanda de 1066, com a patroa tornando-se submissa à empregada. Aos poucos, à narrativa juntam-se personagens como Alice, Rosemary, Roland, Diabo, Dinossauro – além do próprio Bion e o psicanalista que faz uma intermediação entre os citados. Existem várias semelhanças entre as reflexões bioniana – que servem para ampliar o

contato com a nossa própria realidade psíquica – e as passagens referidas pelos personagens de Durrell.

Em *O quarteto de Alexandria*, Durrell – como Bion – dispensa a cronologia dos fatos para avançar e recuar livremente no tempo, de modo que ao leitor restam os registros das experiências, não na ordem em que ocorreram, mas apenas daquelas que adquiriram significado, permanecendo retidas na sensibilidade. Os personagens surgem e dominam a ação: figuras exóticas ou atraentes, como o diplomata, o médico, o artista plástico, o barbeiro corcunda – e a própria cidade de Alexandria, que se transforma também em personagem. Cinco raças, vários idiomas, cinco sexos, “o grande lugar do amor; origem dos enfermos, dos solitários, dos profetas... enfim, de todos que tiveram seu sexo profundamente ferido” (Durrell, 1976, p. 437). Nesse sentido, o autor antecipa a revolução sexual que só viria a se consolidar décadas depois.

Bion, Forster e Durrell manipulam a memória não como veículo de angústias ou ressentimentos, mas para o surgimento de metáforas.

Bion ↔ Orwell

George Orwell nasceu em Bengala, próximo ao Nepal. Em sua obra, descreveu a complexa relação entre Oriente e Ocidente, expôs a tensão entre colonizador e colonizado e refletiu sobre o imperialismo britânico – temas que ressoam em Bion de forma psicanalítica e não literária. Orwell denunciou o vazio moral do Império; Bion, por sua vez, conceituou isso como um ataque aos vínculos ou rejeição da verdade emocional. Em *Dias na Birmânia* (1934), Orwell retrata a solidão e o estranhamento de um personagem que não é eficaz em transformar a experiência em pensamento. Em ambos os autores há uma metafísica comum: mesmo percorrendo campos distintos, lidam com o inominável e o irredutível.

A Índia aparece como enigma para os cinco autores. Cada um a utilizou como uma metáfora para decifrar para o imaginário. Para Bion, no entanto, a Índia não aparece como fascínio nem como exotismo, mas como um espelho invertido do homem ocidental.

Literatura como linguagem de êxito

Outra invariante aproxima Bion destes autores: todos eram anglófonos, mas não eram europeus no sentido estrito. Foram estrangeiros na Índia e, em certo sentido, indianos na Europa. Talvez tenham se sentido órfãos, sentiam-se obrigado a se metamorfosear no europeu que não eram. Assim, usaram essa aguda vulnerabilidade como fundo apropriado para uma interação com a mente, um símbolo original da relação que teria restado com a fragmentação dessa experiência. Será que cada um deles sentiria alguma orfandade europeia?

A frase de Durrell: “devo confessar que sou europeu desde os 18 anos, e acho que é um grave defeito não sermos europeus” (Cowley, 1968, p. 269), poderia corroborar ainda mais a afinação desse “quinteto de literatos”? Teria Bion, como Durrell, vivido a mesma orfandade de Telêmaco? Teria nutrido a ambição de ser europeu? Não que fossem “maus ingleses”, mas talvez tenham experimentado – e reconhecido – a necessidade de uma certa dose de “europeísmo” por terem nascido na Índia? Isso parece estar refletido nas críticas e citações antiburguesas que atravessam suas obras.

As figuras femininas nesses autores – como Justine (em Durrell), ou a aia, figura materna, e a esposa (em Bion) – revelam uma aptidão para o amor profundo, que lhes permite tolerar adversidades. No entanto, as pressões inerentes a alguns acontecimentos enfraquecem sua capacidade inspiradora, levando-as ao tipo de separação interna denominada por Bion de “desligamento do lar” (Bion, 1997, p. 28).

A investigação desses autores revela que fizeram da literatura uma forma particular de pensamento – e isso, felizmente, lhes propiciou espaços de acolhimento para suas obras em um período específico. Ítalo Calvino, refletindo sobre essa escolha estética, conclui que “há coisas que só a literatura, com seus meios específicos, nos pode dar” (2002, p. 82). Para Bion, essa arte oferece “o espaço utilizado para resolver problemas na ausência do objeto” (Bion, 2004, p. 111).

Seria afoito ponderar que essa literatura constitui uma forma de linguagem de êxito?

A linguagem desses autores possui um padrão comum: evocam reiteradamente no leitor a *capacidade negativa*, ou seja, a habilidade de suportar incertezas, mistérios e dúvidas – colocando-os numa perspectiva contínua de vigilância e incompletude, um existir sem satisfação plena. Há uma atenção ou vigilância, pois muitas vezes o leitor sente uma noção de incompletude.

Essa forma de linguagem representaria pensamentos virgens, nunca pensados e, sobretudo, ligados à coisa em si? Mas o que fazer com esses fatos? Domesticá-los pela escrita?

Foi o que esses autores fizeram: numa grande rede que transformou experiências em informações, para que o leitor saísse de uma perspectiva limitada e pudesse assimilar o que não tinha palavra e sentido como pensamentos oníricos, uma forma particular de pensamento. Eles capturaram esses “pensamentos não domesticados, extraviados” que brotaram neles e os domesticaram.

Assim se responde à pergunta indireta de Freud:

Nós, leigos, sempre fomos muito curiosos de saber de onde esta singular personalidade, o escritor, retira seu material... e como logra nos tocar tão fortemente com ele, provocando em nós emoções de que talvez não nos julgássemos capazes. (Freud, 1908/2015, p. 326)

Bion considerou que “quem mais se aproximaria de uma linguagem de êxito (*language of achievement*) seriam os grandes artistas e os poetas (com destaque para Shakespeare, Milton, Keats...), e que suas obras seriam o meio eficaz para a comunicação de experiências emocionais” (Castelo Filho, 2018, p. 146). Talvez seja este o momento oportuno de acrescentar esses autores nessa lista.

Este artigo tem o intento de instigar o uso da capacidade de conjecturar, imaginar e depois associar, de alguma forma, aspectos comuns aos autores citados, e assim obtivemos algumas hipóteses: – em determinados períodos do século 20, presenciou-se o surgimento de autores anglófonos que buscaram uma concepção específica de literatura para satisfazer o anseio de conjugar transparência de linguagem com

a densidade e complexidade de estruturas narrativas, por meio de um estilo ousado. A escrita foi usada para descobrir a verdade sobre si, ou “escrever a sério”, como citado por Williams (2019, p. 332), quando eles alinharam vértices distintos e alojaram esse conteúdo em uma literatura com essas características, que nos chamaram a atenção.

A preocupação central, comum a esses autores, suscita mais um ponto de reflexão: eles estruturam a distinção fundamental entre lembrança e conhecimento, que se transfigura com o tempo; descrevem, não mais a ilusão vivida, mas um novo fruto do conhecimento que promove uma transfiguração no leitor.

Conjectura-se, finalmente, uma tarefa: a analogia segundo a qual o leitor enfrenta o mesmo tipo de conflito que é percebido pelo filho recém-nascido diante do objeto sensorial, a beleza externa do rosto ou seios de sua mãe.

Sensações enigmáticas, boas ou ruins, provêm da leitura. Nesse caso, uma leitura pelas passagens e sombras nas quais o indivíduo não consegue discriminar os dados que recebe e sente algo muito distinto – como pontifica Meltzer (1988/1994) sobre o conflito estético, que pode ser expresso por esse impacto que precisa ser “construído por meio da imaginação criativa... tudo na arte, na literatura e toda e qualquer análise testemunham sua perseverança através da vida” (Williams, 2019, p. 44).

Bion, na Califórnia, alterou sua caligrafia e escrita, mas manteve a fórmula $PS \leftrightarrow D$ na sua literatura, uma ferramenta para descrever as oscilações enfrentadas pelo homem, que seria esse elemento estético muito presente em seus livros. Nessas leituras, o núcleo é a busca do entendimento (K), que salva as interações e as relações dos impasses da dor. Aqui está presente a capacidade negativa, notável nesses livros: a diferença entre ficar preso em uma agonia romântica, descrita por inúmeros autores, e o desejo de conhecer, sem possuir ou resolver o conflito sobre a posse do objeto.

Esses livros realçam mais um ponto de convergência, talvez introduzido pelo sutil orientalismo desses autores, que podem ter despertado – quem sabe, mesmo sem querer – o interesse pelo orientalismo na década de 1960, visível na cultura do Ocidente. Um exemplo

disso remete à declaração de Bion de que o *Bhagavad Gita* é um veio importante de conhecimento, por exemplificar estados psicofisiológicos, como o êxtase dos místicos hindus. Em uma de suas conferências no Brasil, em 1973, um interlocutor perguntou a Bion “se haveria alguma ligação entre conceitos de desejo e de memória em sua obra e os mesmos conceitos na literatura hindu” (*Conferências Brasileiras*, 1974, pp. 31-33).

Bion, Kipling, Orwell, Forster e Durrell nos legaram um tipo especial de literatura que, em seus procedimentos, lembra Shakespeare, que seria “indiferente às vestes dos atores, e que, se pudesse ver as representações, diria ser a peça, a peça, unicamente, o que importava, não passando o resto de couros e estofos” (Wilde, 1992, p. 171).

Neste artigo, Bion foi tomado como escritor, comparando-o com outros literatos contemporâneos. Diferentemente de lermos sempre pelo viés teórico da psicanálise em seus livros, podemos enxergar Bion mais além, como o literato que observou a natureza humana de dentro, autor de sínteses fecundas para o encontro leitor/autor e, o mais importante, que mostra como é possível conjecturar com o livro – em vez de mostrar o que pensar a respeito de seus livros –, que revelam a universalidade do psiquismo.

O contexto biográfico, a experiência precoce em um contexto colonial, ocasionou um sutil impacto na sensibilidade de algum destes autores, demarcou a alteridade com um “outro” cultural que aparece lentamente ao estudioso ou leitor de Bion: a forma como o desconhecido é pensado – sem memória e sem desejo. Bion não escreveu um romance sobre a Índia, mas a utilizou como símbolo da profunda alteridade, como um pano de fundo para explicar sobre o incognoscível e o místico. Em seus escritos sobre a Índia, Bion não aspira a qualidades literárias, apenas expressa verdade, tentando alcançar uma “linguagem de consecução” (Sandler, 2021, p. 1041), relatando sonhos e pesadelos infantis.

De Ulisses até “Alisses”

Ulisses e Alice, personagens literários, descrevem situações de privações, expondo funções de pensamento que fazem a informação sensual se disponibilizar à consciência, permitindo tornar público o pensamento privado dos escritores.

Este artigo não é um estudo literário, mas sim uma alternativa que usa a História das Mentalidades para uma compreensão de Bion. Vemos nestes relatos, com os olhos da mente, gêneses semelhantes que reproduzem excursões – seja por mares gregos, pelo Tâmisia, Alexandria ou Índia –, relatos que, numa época colonial britânica, evocam a visão paternalista de Kipling, a crítica sutil ao colonialismo em Forster, a crítica direta ao imperialismo em Orwell, e, em Bion, a revelação da opressão e da violência da complexidade das mentalidades que celebraram um império e a reflexão sobre suas consequências.

Segundo Sandler (2021, p. 1040), “vivemos em uma época em que surgiu uma forma específica de literatura de contos e novelas muito influenciada pela técnica verbal e cinematográfica, denominada pelos críticos literários que escrevem na língua inglesa de *stream writing*”. Joyce escrevia como o descrito acima, e esses autores também escreveram assim. Os personagens desses autores aquilatam esse modelo: seus conhecimentos transformados em comunicação.

Desde Ulisses, o homem só consegue encontrar satisfação emocional se expressar os impulsos. Esse foi o dilema desses cinco escritores: a resolução do conflito pela *publicação* – um processo que transforma um pensamento pré-verbal em verbal, que faz com que o inconsciente venha a ser consciente em nós, em Ulisses e em Alice.

O conceito de cesura comporta descrições de eventos que podem estar conectados e, concomitantemente, separados por vários outros eventos. Segundo Sandler (2021, p. 121), este ensaio coligou cesuras literárias, como faz a História das Mentalidades com cesuras históricas: este artigo supõe que cinco literatos, em uma dada época, construíram sentidos para a vida, para si e para o mundo. Estes autores escreveram de dentro para fora, com foco na subjetividade. A Índia funcionou para

eles como a experiência criadora de espaços simbólicos – para alguns como ponto de tensão; para Bion, em especial, uma forma de abordar o incognoscível. Eles recusaram narrativas lineares, oferecendo, em vez disso, ambiguidades que expressam, no caso de Bion, a complexidade cultural e psíquica de seu pensamento.

Uma desorganização da narrativa serviu para descrever a oscilação da modernidade. Considera-se que a literatura desses autores pode ser entendida como linguagem de êxito, um modo particular de comunicar experiências emocionais profundas, que permitiu compreender mentalidades do século 20 diante da guerra ou do colonialismo. Essa abordagem interdisciplinar, típica da História das Mentalidades, nos serviu para demonstrar a presença de processos psíquicos estruturantes em vários autores. Esses literatos, usando o potencial das narrativas ficcionais, preservaram um espaço para que possamos considerar um deslocamento do olhar da psicanálise para o estranho, a fim de iluminar estruturas mentais muito mais profundas.

Ao escrever sobre a Índia, esse quinteto de literatos mostrou que o verdadeiro continente a ser conquistado seria o da mente – e como o desconhecido e o estranho resistem a instrumentos para investigar as mais primitivas estruturas do psiquismo humano.

La caligrafía de la India

Resumen: Este artículo aproxima a W. R. Bion (1897-1979) con cuatro novelistas anglófonos contemporáneos: Rudyard Kipling (1865-1936), E. M. Forster (1879-1970), George Orwell (1903-1950) y Lawrence Durrell (1912-1990). El autor presenta la existencia de una corriente literaria que se sumergió en la vida cotidiana hindú, buscando comprender lo que era considerado normal, sagrado, peligroso o extraño. Estos autores se propusieron presentar el continente indio a Occidente. La literatura anglófona sobre la India es aquí considerada una forma de organización de experiencias sensoriales y afectivas, un espacio de producción de sentido – según la perspectiva de la Historia de las Mentalidades, corriente historiográfica surgida en Francia entre las décadas de 1930 y 1970, que propone un enfoque interdisciplinario orientado a las estructuras sociales y culturales. Este

artículo considera dicha literatura, resultado del encuentro entre culturas orientales y occidentales, como una cesura que actúa como hilo conductor y permite la elaboración de conjeturas sobre cómo cierto tipo de narrativa sobre la India describía formas de pensar, sentir, creer y percibir el mundo en ese período.

Palabras clave: Bion, Historia de las Mentalidades, literatura, India

The Calligraphy of India

Abstract: This article draws a connection between W. R. Bion (1897-1979) and four contemporary Anglophone novelists: Rudyard Kipling (1865-1936), E. M. Forster (1879-1970), George Orwell (1903-1950), and Lawrence Durrell (1912-1990). The author identifies the existence of a literary current that immersed itself in Hindu daily life, seeking to understand what was considered normal, sacred, dangerous, or strange. These authors aimed to present the Indian subcontinent to the Western world. Anglophone literature on India is here regarded as a means of organizing sensory and affective experiences – a space for the production of meaning, from the perspective of the History of Mentalities, a historiographical movement that emerged in France between the 1930s and 1970s, proposing an interdisciplinary approach focused on social and cultural structures. This article considers such literature, born from the encounter between Eastern and Western cultures, as a kind of cesura that acts as a guiding thread and enables conjectures on how certain narratives about India depicted ways of thinking, feeling, believing, and perceiving the world during that period.

Keywords: Bion, History of Mentalities, literature, India

Referências

- Bion, W. R. (1997). *The Long Week-end*: escritos autobiográficos. Promolibro.
- Bion, W. R. (1974). *Conferências Brasileiras*. Imago.
- Bion, W. R. (2016). *Domesticando pensamentos selvagens*. (F. Bion, Ed., L. C. U. Junqueira Filho, Trad.). Blucher.
- Bion, W. R. (1989). *Uma memória do futuro: o sonho* (Vol. 1). Martins Fontes.
- Bion, W. R. (1996a). *Uma memória do futuro: a aurora do esquecimento* (Vol. 3). Imago.
- Bion, W. R. (1996b). *Uma memória do futuro: o passado apresentado* (Vol. 2). Imago.
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações* (E. H. Sandler, Trad.). Imago.

- Bion, W. R. (2004). *Transformações* (P. C. Sandler, Trad.). Imago.
- Calvino, I. (2002). *Seis propostas para o próximo milênio* (I. Barroso, Trad.). Companhia das Letras.
- Castelo Filho, C. (2018). A linguagem de êxito e a importância do imaginário na prática da psicanálise e no seu desenvolvimento. In C. Rezze et al., *Bion: a décima face – novos desdobramentos*. Blucher.
- CARROLL, L. (2010). *Aventuras de Alice no país das maravilhas*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1865)
- Cowley, M. (1968). *Escritores em ação: as famosas entrevistas à “Paris Rewiew”*. (B. Silveira, Trad., pp. 265-292). Paz e Terra.
- Durrell, L. (1976). *O quarteto de Alexandria*. Ulisseia.
- Forster, E. M. (2013). *Passagem para a Índia*. Globo.
- Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad. Vol. 8). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908)
- Meltzer, D. & Williams, M. H. (1994). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte* (P. C. Sandler, Trad.). Imago.
- Kipling, R. (2014). *Kim*. Best Bolso.
- Sandler, P. C. (2021). *A linguagem de Bion: um dicionário enciclopédico de conceitos*. Blucher.
- Wilde, O. (1992). *A decadência da mentira e outros ensaios*. Imago.
- Williams, M. H. (2019). *O vale da feitura da alma: o modelo pós-kleiniano da mente e suas origens poéticas* (M. P. Mélega, Rev. Tec.). Blucher.

Orlando Hardt Junior

orlandohardt@yahoo.com